



REESMA, Humaitá - Amazonas, Volume XX, nº 2, jul-dez. 2026, p. 764-789.

NARRATIVAS DA CONQUISTA DA AMAZÔNIA: A PROFECIA DA COBRA GRANDE E A SIMBOLOGIA DA INTEGRAÇÃO

NARRATIVES OF THE CONQUEST OF THE AMAZON: A PROFECIA DA COBRA GRANDE AND THE SYMBOLISM OF INTEGRATION

Josiane Leite Velozo de Sousa¹
Jose Valtemir Ferreira da Silva²

Resumo: Este texto apresenta uma reflexão sobre o que Silva (2022, 2024a, 2024b) denomina “Narrativa da Conquista da Amazônia” na literatura. Para tanto, propõe-se analisar como a obra *A Profecia da Cobra Grande ou A Transamazônica* – escrita por Zuleika Mello em 1972 –, articula-se a uma narrativa recorrente nas iniciativas estatais do século XX na Amazônia, marcada pelo discurso da Integração Nacional e da dominação simbólica da natureza/floresta. Para isso, realizou-se um estudo baseado em fontes bibliográficas e documentais, como reportagens da revista *Manchete*, textos literários e ensaísticos sobre a Amazônia, como *Inferno Verde*, de Alberto Rangel (2008), *À Margem da História*, de Euclides da Cunha (2006), e estudos de autores como Silva (2021, 2022, 2023, 2024a, 2024b, 2025). A análise revelou que a obra de Zuleika Mello incorpora elementos míticos da cultura amazônica, ressignificados para legitimar o projeto de conquista e ocupação da região, reforçando um discurso de integração imposto pelo Estado.

Palavras-chave: Integração nacional. Amazônia. Transamazônica. Literatura. Narrativas da Conquista.

¹ Graduada em Letras Língua Portuguesa do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: josianeleitevelozo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7500-8829>.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: valtermania10@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2351-6037>.



Abstract: This paper reflects on what Silva (2022, 2024a, 2024b) has termed the “Narrative of the Conquest of the Amazon” in literature. To this end, it analyzes how the novel *A Profecia da Cobra Grande ou A Transamazônica*, written by Zuleika Mello in 1972, is connected to a recurring narrative found in twentieth-century state initiatives in the Amazon, characterized by the discourse of National Integration and the symbolic domination of nature and the rainforest. The study is based on bibliographical and documentary sources, including reports published in *Manchete* magazine, literary and essayistic works on the Amazon, such as *Inferno Verde* (Green Hell) by Alberto Rangel (2008) and *À Margem da História* (On the Margins of History) by Euclides da Cunha (2006), as well as studies by Silva (2021, 2022, 2023, 2024a, 2024b, 2025). The analysis revealed that Zuleika Mello’s work incorporates mythical elements of Amazonian culture, re-signified to legitimize the project of conquest and occupation of the region, thereby reinforcing a discourse of integration imposed by the State.

Keywords: National integration; Amazon; Trans-Amazonian Highway; literature; conquest narratives.



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Amazônia é uma região que, ao longo da história, tem despertado diferentes olhares e interesses. Desde o período colonial, foi representada de múltiplas formas: ora como um território marcado pela abundância de riquezas naturais, ora como um espaço perigoso e de difícil ocupação. Essas imagens, no entanto, não surgem de maneira neutra. Conforme Silva (2022), elas foram construídas ao longo do tempo e mobilizadas para justificar a presença e as ações do Estado brasileiro na região.

Durante o século XX, esse processo se intensificou com governos como o de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e, principalmente, durante a ditadura militar na década de 1970. A Amazônia passou a ser vista como uma área estratégica para o desenvolvimento nacional, frequentemente apresentada como uma “reserva do futuro”, isto é, um território concebido como detentor de riquezas naturais e potencial econômico capazes de impulsionar o crescimento do país.

Nessa lógica, grandes obras foram planejadas dentro da ação de integrar a região ao restante do Brasil, como a construção da rodovia Belém-Brasília e, mais tarde, da Transamazônica (BR – 230). Essas ações também foram acompanhadas por discursos que reforçavam a ideia de que a natureza/floresta precisava ser ocupada e transformada para cumprir um papel dentro do projeto nacional.

A literatura, nesse cenário, desempenhou um papel fundamental na construção de sentidos. No caso da Amazônia, diversas obras literárias participam da construção simbólica de um território concebido como espaço a ser conquistado. Conforme argumenta Silva (2022, 2024a, 2024b, 2025), trata-se de uma literatura que protagoniza as chamadas “Narrativa da Conquista” da Amazônia, isto é, obras inseridas no contexto de ações estatais na região, as quais corroboram um discurso hegemônico ao se apropriarem de simbologias, mitos e elementos da cultura regional na produção de sentidos.

Nesse texto, entende-se que a obra *A Profecia da Cobra Grande ou A Transamazônica*, escrita por Zuleika Mello em 1972, durante a Campanha de Erradicação do Analfabetismo, é um dos exemplos dessa narrativa. Nela, a construção da rodovia Transamazônica na década de 1970 é mostrada como algo positivo e necessário, sendo anunciada como uma profecia.



Assim, o objetivo deste texto é analisar como essa obra se articula com a ideia de “narrativa da conquista”, a partir da proposta teórica de Silva (2021, 2022, 2023, 2024a, 2024b, 2025). A intenção é refletir sobre como a literatura pode reforçar certos discursos, principalmente no contexto amazônico.

Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, fundamentada na análise textual da peça de Zuleika Mello. Foram examinados elementos, como a construção das personagens, a organização do enredo, os símbolos mobilizados e o contexto histórico de produção da obra. A análise contempla, ainda, os modos pelos quais os mitos são ressignificados, de modo a sustentar o discurso do progresso.

Além disso, este estudo dialoga com as contribuições de Walter Benjamin (2009), especialmente no que se refere à leitura crítica da cultura a partir dos chamados “resíduos da história”. Consoante essa leitura, as obras literárias não apenas refletem seu tempo, mas também preservam vestígios, fragmentos e indícios que permitem compreender como determinadas épocas constroem sentidos e organizam simbolicamente o mundo.

Nessa perspectiva, a peça analisada é compreendida não apenas como um texto artístico, mas como um documento cultural atravessado por tensões históricas e por interesses ideológicos específicos. A partir desse enquadramento teórico, torna-se possível situar a obra no interior de um contexto mais amplo de produção de discursos sobre a Amazônia, o que exige, inicialmente, a compreensão do papel desempenhado pelo Estado na construção dessas narrativas.

2. O DISCURSO ESTATAL DE CONQUISTA

Ao longo do século XX, diferentes governos brasileiros recorreram a discursos sobre soberania, progresso e integração nacional para justificar a presença do poder público na Amazônia. Como aponta Silva (2022), a ideia de conquista da região – que surge na literatura durante o século XX, como será exposto na próxima seção –, está profundamente articulada à atuação do Estado, que assume o papel de protagonista na missão de dominar a floresta e transformá-la em parte útil da nação.

Desse modo, antes de passarmos a exposição da estética literária defendida por Silva (2022, 2024a, 2024b), importa recuperar a dinâmica do Estado conquistador que protagonizou grandes projetos na Amazônia no século XX. Dito isso, como pontuado por estudiosos do assunto, como Maria Liege Freitas (2011), pode-se apontar a gestão do



Presidente Getúlio Vargas (especialmente nos períodos de 1930 a 1945) como a primeira a vislumbrar uma importância estratégica da Amazônia.

Segundo a autora, o então Presidente passou a defender visão de integrar a região amazônica ao restante do país e explorá-la economicamente. Para isso usava discursos que mostravam a Amazônia como uma terra promissora, mas ainda “atrasada”, portanto, carente de modernização.

Ao buscarmos fontes históricas do período sobre esse tema, um bom exemplo é o discurso que Getúlio Vargas fez quando visitou a Amazônia no ano de 1940. Nesse discurso – *Discurso do Rio Amazonas*, disse que o governo iria “abrir caminhos”, “levar progresso” e “integrar” a região ao restante do país, indagando que essa era rica, mas estava isolada e esquecida, como se vê no trecho a seguir:

Com elementos de tamanha valia, não mais perdidos na floresta, mas concentrados e metodicamente, localizados será possível, por certo retomar a cruzada desbravadora e vencer, pouco a pouco, o grande inimigo do progresso amazonense, que é o espaço imenso e despovoado (Vargas, 1940, p. 6).

O recorte em questão destaca a ideia do potencial transformador da facilidade e organização dos recursos amazônicos como possível chave para o progresso regional. Isso porque, o então Presidente fala como se o povo local estivesse esperando para ser “salvo” pelo progresso, o que reforça a ideia de que a Amazônia precisava ser transformada para “servir” ao Brasil.

Nesse discurso, Vargas exalta a floresta e o rio como símbolos da grandeza nacional, afirmando que o Brasil não poderia permanecer de costas para essa imensidão de riquezas. A natureza amazônica é descrita como espaço de riqueza e potencial oculto, esperando por intervenção humana.

Vargas repete e intensifica esse imaginário, mas o faz com a autoridade de quem representa o Estado Nacional. Ele não apenas descreve a floresta: ele promete transformá-la. A natureza imponente, nesse contexto, é não só símbolo da riqueza potencial do país, mas também emblema da missão civilizadora do Estado Novo.

Mais tarde, na década de 1950, esse projeto ganha continuidade com o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que insere a Amazônia no Plano de Metas com o objetivo de promover a interiorização do desenvolvimento. O lema “Cinquenta anos em



cinco” sintetiza essa ideia esforço modernizador, que buscava integrar o interior do país à lógica urbana-industrial do Sudeste.

Já no seu primeiro discurso, Kubitschek se alinhava a narrativa da natureza/floresta inimiga do ser humano e obstáculo à ocupação, como se vê:

É pouco mais ou menos o deserto, um grande tesouro que se acha encoberto. Estamos diante do drama da terra enigmática à espera da energia humana que a subjuga, discipline e dela faça um fator de enriquecimento do país e da consolidação de sua independência econômica (Kubitschek, 2009, p. 11).

Proferido no Clube Ideal, em Manaus, no dia 18 de abril de 1956, esse discurso seria sucedido por um projeto para a conquista da região, a construção da rodovia Belém-Brasília. Com isso, a natureza/floresta voltava, ainda com mais força, a ser retratada nos discursos como a grande vilã que se opunha à tão almejada “modernidade” e à (suposta) “civilização”.

Isso ficava evidente nas páginas da revista *Manchete* em 1959, quando se dizia: “Centenas de máquinas e 5.500 operários, enfrentando a fúria da fauna e da flora amazônica, estão rasgando o chamado ‘inferno verde’ com uma linha de terra vermelha [...]. Que será a Belém-Brasília.” (Flores, 1959, p. 48). O trecho da revista demonstra uma visão quase heroica da ocupação territorial, marcada por metáforas de combate contra a natureza/floresta. Tal visão reforçava a ideia de que a Amazônia era um espaço vazio, selvagem, inexplorado, ou seja, um “vazio demográfico” e econômico que precisava ser “domado” pela ação humana e pela máquina do progresso.

É o que volta a ocorrer mais tarde, em outro grande projeto na Amazônia: a construção da rodovia Transamazônica (BR – 230) na década de 1970, em plena ditadura civil-militar. Através desse projeto, o Estado brasileiro, tendo como protagonista o Presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, retomava fortemente o discurso de conquista sobre Amazônia.

Consoante o que se propagava, diferente das outras iniciativas anteriores (como a Marcha para o Oeste ou a rodovia Belém-Brasília), essa rodovia iria oportunizar uma conquista “efetiva” da região, ao atravessar a grande floresta de ponta a ponta e garantir a permanência de um grande contingente de pessoas com o plano de colonização dirigida às suas margens (Silva, 2022, p. 26).



Isso era visível, já no nome do próprio programa no âmbito da qual fora anunciada a rodovia: Programa de Integração Nacional (PIN) – aprovado em 15 de junho de 1970 e regulamentado por meio do decreto n.º 1.106, de 16 de junho de 1970, com execução prevista para o quadriênio de 1970–1974. Tal Programa, trazia, mais uma vez, a ideia de juntar a Amazônia a nação, já que conforme o discurso do governo, uma coisa era certa, a Amazônia era uma *Terra Prometida* que precisaria ser conquistada, de uma vez por todas:

Vez por outra quase sempre vindas do estrangeiro, debatem-se as ideias de planos milagrosos para o despertar da Amazônia que, se nem sempre se mostram válidos, viáveis e coerentes, ao menos dizem do interesse estrangeiro sobre a terra prometida e nos acedem o brio nacional [...] (Machado, 1970, p. 4).

Esse trecho do discurso do General-Presidente, na Reunião Extraordinária da SUDAM de 8 de outubro de 1970, demonstra como a construção da rodovia era revelada nacionalmente. Esse enorme projeto prometia conquistar novamente a Amazônia brasileira – uma terra vista como praticamente sem ninguém, separada do restante do território e repleta de riquezas naturais que ainda não haviam sido exploradas.

No mesmo discurso na Reunião Extraordinária da SUDAM, o General-Presidente utilizou a frase que ficou famosa como referência a Transamazônica:

Aquilo que não pode se fazer devido à escassez de capital pode ser feito com um programa integrado de colonização e desenvolvimento, com um mínimo de recursos econômicos, capaz de gerar rapidamente a riqueza, para complementar sem inflação, o esforço necessário à solução dos dois problemas: o do homem sem terras no Nordeste e da terra sem homens na Amazônia. (Machado, 1970, p. 4).

Esse trecho do discurso resume a lógica integradora: unir dois “brasis” pela ocupação territorial, ignorando, contudo, os sujeitos e saberes já presentes na região. E para que essa conquista acontecesse de fato, o inimigo seria definitivamente derrotado: a natureza/floresta. Essa ideia é apresentada em várias frentes, inclusive na grande imprensa. Um exemplo marcante é o título da edição especial da revista *Manchete*, publicada em outubro de 1970, logo após a visita do presidente Emílio Garrastazu Médici à região. A manchete estampava: “O Norte amazônico, aqui vencemos a floresta” (O Norte, 1970, p. 59).



Essa formulação sintetiza a ideia de que a Amazônia deveria ser vencida e transformada em nome do desenvolvimento nacional. Trata-se de um discurso marcado por uma lógica de enfrentamento, no qual o território amazônico é concebido como um campo de batalha, e não como um espaço de vida, diversidade e produção de saberes.

Conforme argumenta Silva (2021, 2022, 2023, 2024a, 2024b), essa estrutura simbólica – organizada em torno de uma estrada, de um inimigo e de um combate – atravessa e orienta parte significativa da produção literária sobre a Amazônia ao longo do século XX. É a partir desse enquadramento que se torna possível compreender como a literatura também participa da construção dessas representações, como se discutirá a seguir.

3. A CONQUISTA DA AMAZÔNIA E A LITERATURA

A literatura que fala sobre a Amazônia, especialmente em relação aos grandes projetos e planos do governo para a região durante o século XX, foi importante para a formação de imaginários nacionais. Nesse sentido, essas obras são também expressões culturais que ajudam a criar uma visão simbólica do lugar.

Um conceito possível para abordá-las é a noção de “conquista da Amazônia” desenvolvida por Silva (2022, 2024a, 2024b) em seus estudos. Essa noção articula diferentes elementos simbólicos que convergem para representar a natureza/floresta como um espaço a ser dominado, ocupado e redimido por meio da intervenção do Estado.

O autor argumenta que essa noção, ao servir de base para uma produção literária sobre a região, não se limita a representação de um evento histórico isolado, como a exploração da borracha ou a construção da Transamazônica, pois:

Pode-se delimitar como pressuposto que o inferno verde e simbologias adjacentes aparecem também como construção temática importante, não condicionada a um único período (exploração da borracha, a Transamazônica), mas dentro da estética e dos discursos dos eventos da/para “a conquista da Amazônia” no século XX, em que a Transamazônica está inserida (Silva, 2022, p. 34).

Assim, concebe-se uma narrativa contínua – que interage com um discurso hegemônico –, renovada por diversas estratégias discursivas, que se perpetua ao longo do tempo. Narrativa essa que se manifesta na repetição de temas, imagens e figuras – como



o inferno verde, o *Eldorado* amazônico, a integração nacional, o conquistador não sustentável, o “vale da promessa”, entre outros.

Nela, Silva (2022, 2024a, 2024b) afirma existir pelo menos três momentos específicos ao longo do século XX, considerando a força simbólica da imagem do “inferno verde” na construção dessa estética marcada pela ideia de conquista. A primeira delas tem a ver com a supremacia do “inferno verde amazônico”.

3.1. A Literatura e o Inferno Verde

Silva (2022, 2024a, 2024b) entende que esse primeiro momento é protagonizado, sobretudo, por escritores como Euclides da Cunha e Alberto Rangel, no início do século XX, que mostram a Amazônia como um lugar difícil, isolado e perigoso. A ideia do “inferno verde” aparece como uma imagem central em seus textos, mostrando a natureza/floresta como um obstáculo que precisa ser vencido.

Nessas histórias, personagens como o seringueiro, o engenheiro, o nordestino ou o militar são colocados diante dos obstáculos à presença humana na Amazônia. Uma produção literária que revela uma visão da região como uma parte distante do Brasil, com uma natureza muito forte e com povos que eram vistos, a época, como atrasados ou fora do processo de modernização do país.

Assim, de acordo com Silva (2024, p. 151), “há, em algumas obras literárias, a evidência de uma permanência por um longo período das premissas exaradas por Euclides da Cunha (2006), em *À Margem da História*, e Alberto Rangel (2008), na obra *Inferno Verde*”. Confirmando essa afirmativa do pesquisador, pode-se citar como exemplo, o conto com o mesmo nome do livro de Rangel, *Inferno Verde*, onde o personagem Souto aparece vencido diante da Natureza/Floresta, como se vê:

Justamente quando o Miguel chegava, acompanhado de um seringueiro, ele caía no estendedouro do rosal, apostrofando à mata, esposada com o rio:
Inferno!... Inferno... verde!
Os dois recém-chegados acorreram apiedados.
Mãos e face ensanguentados, dando a ideia de que a luta com adversário invisível e execrável tinha sido corpo a corpo e a unhas, o engenheiro, no meio das rosas, na ocasião de ser erguido, morria num sorriso de alívio à frenesiada crispção dos seus músculos atritos (Rangel, 2008, p. 162).

A cena da morte do engenheiro, envolvido em sangue e em uma luta desesperada contra um inimigo invisível, traduz de forma simbólica a percepção da natureza/floresta



selvagem como um espaço de resistência à presença humana. No final do conto, a natureza/floresta se dirige ao homem falando diretamente sobre a sua vitória na Amazônia: “Não se me vence a sorrir... Exijo os sacrifícios que os antigos deuses reclamavam: sangue e morte” (Rangel, 2008, p. 174).

Segundo Silva (2022, 2024a, 2024b), outro exemplo da manifestação dessa premissa é descrição do ambiente amazônico feita pelo escritor Euclides da Cunha (2006) em seu livro *À Margem da História*. Nele, a Amazônia aparece como um ambiente hostil, em que o ser humano se sentia apequenado diante da vastidão da floresta. Como se vê:

O homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos sem “sacados”, cujos istmos a reveses se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que estes dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em “furos” que se anastomosam, reticulados e de todo incaracterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos (Cunha, 2006, p. 18).

Este trecho descreve a relação do ser humano com a natureza, retratando a chegada do homem em um ambiente ainda em formação e em instabilidade. Um espaço natural, mas inóspito e hostil em que o ser humano se sente isolado do mundo. Isso reforça a saga do personagem Souto de Rangel (2008), sobretudo, na construção simbólica da natureza/floresta como um “inferno verde”.

A Amazônia aparece como um ambiente de grandeza caótica, um espaço onde a beleza selvagem se mistura ao medo e ao desconhecido. O homem que ali chega se vê isolado, diminuído diante da força e da complexidade da natureza. Não há ainda caminhos definidos, e os rios, incertos e errantes, reforçam a ideia de um território que resiste à ocupação, que escapa à lógica da civilização.

Segundo Silva (2022, 2024a, 2024b), isso é evidente em diversas obras publicadas ao longo do século XX – como as que mostram a exploração da borracha ou a construção da ferrovia Madeira-Mamoré na Amazônia Brasileira –, a exemplo de: *Terra de Ninguém* (publicada em 1934) de Francisco Galvão (2002), *A selva* (publicada em 1930), de José Maria Ferreira de Castro (1955), *Terra Imatura* (publicada em 1921), de Alfredo Ladislau (2008), *A mata submersa e outras histórias da Amazônia* (publicada em



1960), de Peregrino Júnior (1989), *A ferrovia do diabo* (publicada em 1960), de Manoel Rodrigues Ferreira (1960), ou *O romance da Madeira-Mamoré* (publicada em 1963), do jornalista Miguel Ângelo Barros Ferreira (1963).

Ainda segundo o autor, essas obras contribuem para consolidar a ideia de que a floresta precisa ser dominada e vencida para que possa ser incorporada ao projeto nacional. Trata-se de um discurso de poder, que serve à legitimação de ações estatais e à imposição de uma determinada visão de mundo sobre a natureza/floresta e seus povos. Com essa perspectiva, conforme Silva, (2022, 2024a, 2024b), esse momento é superado com o advento da vitória sobre o inferno verde amazônico.

3.2. Transamazônica: a Vitória Sobre o Inferno Verde e a integração nacional

A celebração da vitória do imponente e temido inferno verde sobre o ser humano na Amazônia é superado com a emergência de uma nova representação literária relacionada à Transamazônica. De acordo com Silva (2022, 2024a, 2024b), essa mudança de perspectiva se torna evidente, pois, em vez de perpetuar a imagem de uma “natureza soberana e brutal, em pleno expandir das suas energias”, que subjugava, surpreendia e afastava os humanos, surge uma literatura que inverte os papéis entre o vencedor e o vencido.

Assim, o ser humano é representado não mais como um ser submisso à grandiosidade da natureza, mas como um conquistador que se apropria do território. A coletânea de poemas *Tempo de Estrada – 20 Poemas da Transamazônica* é citada por Silva (2022) como um movimento em direção a uma nova leitura do cenário amazônico.

Segundo o pesquisador, ao contrário da visão tradicional que retrata a natureza como uma força poderosa e ameaçadora, os versos dessa obra revelam uma mudança significativa na dinâmica entre o homem e a floresta. Nela, o ser humano emerge vitorioso sobre a majestosa natureza/floresta amazônica, controlando-a para explorar e se apropriar de seus recursos.

Ao examinar essa obra referenciada por Silva (2022), pode-se dizer que um exemplo dessa lógica é o poema “Clareira da Pátria Inteira”, de Cyro Armando Catta Preta. Neste poema, a rodovia é apresentada como um símbolo de progresso, prosperidade e da vitória do ser humano:



É o massacre de rodas, rolos de rolão
rolando para o Acre...
Voragem
forçando a passagem, deitando pontes, explodindo montes,
domando a terra bravia,
ganhando o que é nosso e não nos pertencia,
arrombando o proibido,
unindo-o-desunido! (Preta, 1972, p. 65).

É um massacre, diz o verso, para expressar a concretização do domínio da natureza/floresta que a construção da estrada representava. A rodovia torna-se uma metáfora da unidade nacional, sendo exaltada como um meio de circulação de riquezas, pessoas e ideias. Essa visão ufanista sugere um país coeso, produtivo e progressista, cujas diferenças regionais seriam superadas com a vitória tão esperada sobre o inferno verde.

Em outra obra literária sobre a Transamazônica, também analisada por Silva (2024a) – *Dois meninos na Transamazônica*, da escritora Margarida Ottoni (1973) –, o autor reitera essa segunda faceta da ideia de conquista. Ao examinar essa obra, pode-se dizer que um exemplo dessa lógica é o final utópico em que, após um clima inicial de tensão, se tem a união e confraternização entre indígenas e brancos às margens da rodovia Transamazônica, como se vê:

Por esta razão, o cacique convidou os toris para uma grande festa, e o engenheiro levou os índios para verem onde fica a Rodovia Transamazônica que, por coincidência, passa pertinho da aldeia de Ubiraci. [...] Ronaldo já sabe fabricar arcos e flechas e fazer armadilhas com perfeição. Ubiraci já pode viajar de lancha, pois aprendeu a guiá-la. Todavia, o que mais gostam de fazer juntos é dar uma voltinha de jipe na pista da Transamazônica, a nossa muito famosa estrada de rodagem (Ottoni, 1973, p. 47).

O trecho citado destaca um ponto fundamental para a compreensão desse novo momento de uma narrativa hegemônica que, segundo Silva (2024a), é apropriada pela literatura que surge em torno da construção da Transamazônica no início dos anos de 1970. Para o pesquisador há:

[...] uma nova leitura estética que a construção da Transamazônica oportunizava, uma vez que o dito “civilizado” aparece integrado (e integrando) com os vários elementos da natureza/floresta (inclusive com os povos originários) que outrora eram obstáculos a sua permanência e fixação na região (Silva, 2024a, p. 14).



Ao sugerir uma “nova leitura estética”, o autor aponta para uma mudança no modo como a natureza/floresta e seus elementos (inclusive os povos originários) passam a ser representados – não mais como inimigos ou barreiras naturais, mas como componentes de uma suposta integração harmoniosa com o projeto de ocupação. Trata-se, portanto, de uma reformulação simbólica e ideológica que busca suavizar as tensões históricas da conquista e legitimar a presença do colonizador moderno, agora apresentado como parte do todo amazônico. Com essa perspectiva, conforme Silva (2024b), esse momento é superado com o advento da vitória sobre o inferno verde amazônico.

3.3. Transamazônica: um novo entendimento sobre a natureza/floresta

O otimismo extremo que caracteriza as obras literárias sobre a Transamazônica, que celebravam a derrota do Inferno Verde, é superado, conforme Silva (2024b), em produções literárias que surgem no final da década de 1970 e nas décadas seguintes. Ao analisar a obra literária *Ponte sobre o Tuerê – Drama na Abertura na Transamazônica*, de John Coningham Netto – publicada no ano 2000 –, o autor entende que a natureza/floresta passa a ser vista de maneira menos negativa do que antes, pois,

Uma evidência importante no enredo foi o advento do denominado “conquistador não sustentável”, concebendo-se que, diante dos debates emergentes a respeito da sustentabilidade ambiental, os discursos concernentes à conquista passam a observar um “desenvolvimento sustentável”. Preconizando uma ética da sustentabilidade, não se pode mais falar de uma natureza/floresta inimiga do homem, visto que ela passa a ser encarada como uma das maiores riquezas da humanidade, tampouco se pode aclamar uma vitória sobre ela, já que o discurso preponderante e hegemônico passa a pautar, pelo menos na teoria, um desenvolvimento sustentável (Silva, 2024b, p. 160).

Como se vê, esse movimento na literatura estaria conectado aos discursos que surgem sobre sustentabilidade e à crescente conscientização acerca da riqueza da biodiversidade amazônica, que – ainda que teoricamente – também começaram a ser discutidos em todo o país. As obras literárias, portanto, começam a refletir essa nova visão sobre a natureza/floresta, ressaltando sua importância e valor, em vez de simplesmente retratá-la como um empecilho ao desenvolvimento.

Segundo Silva (2024b), é o que se constata no herói da trama da obra de Coningham Netto (2000), que passa a questionar a ideia de progresso em um grande projeto na Amazônia, sem que se considerasse as noções de sustentabilidade ambiental,



como se vê no trecho dessa obra: “[...] esse era o problema com as hordas de forasteiros invadindo a região: não recebiam instrução sobre como coabitar com a natureza na Amazônia, daí destruíam antes de entender” (Coningham Netto, 2000, p. 77).

Esse, portanto, é um terceiro momento defendido pelo autor, considerando a forma como a Amazônia foi representada na literatura e a força simbólica da imagem do “inferno verde” na construção dessa ideia de conquista. A seguir, a proposta é demonstrar que o enredo da obra *A Profecia da Cobra Grande ou A Transamazônica*, ambientada na construção da rodovia na década de 1970, também pode analisada e inserida nessa abordagem sugerida por Silva (2022, 2024a, 2024b).

4. TRANSAMAZÔNICA E A LITERATURA: A PROFECIA DA COBRA GRANDE

Ao examinar os estudos sobre a construção da Transamazônica na década de 1970, identifica-se uma produção literária sobre a Transamazônica, composta por obras que se ambientam na construção e colonização da rodovia na década de 1970. Segundo Silva (2023), tal produção se destaca por abordar diretamente esse grande projeto do governo do General-Presidente Médici, implantado na Amazônia brasileira.

Entre essas obras, destacou-se para essa abordagem *A Profecia da Cobra Grande ou A Transamazônica*, que narra uma visão utópica sobre a representação do empreendimento estatal na Amazônia brasileira. Essa obra, foi escrita por Zuleika Mello em 1972. Originalmente uma peça teatral infantojuvenil que articula elementos do folclore amazônico com um discurso político de apoio à integração da região ao restante do Brasil por meio da construção da rodovia Transamazônica.

Sua produção se deu durante a Campanha de Erradicação do Analfabetismo e está alinhada com os objetivos simbólicos e ideológicos do regime civil-militar então instaurado, que naquele período promovia a ocupação da Amazônia como parte do projeto de desenvolvimento nacional. A narrativa se estrutura em forma de fábula, com personagens do imaginário popular amazônico como a Mãe Selva, o Saci e a Cobra Grande representando diferentes posturas diante da chegada do progresso simbolizado pela estrada. Os personagens dialogam sobre os impactos da estrada, debatendo se ela representa ameaça ou esperança.

A Cobra Grande, figura mítica, é reinterpretada como mensageira do futuro, anunciando a chegada da Transamazônica como um destino inevitável e positivo para a



região. A Mãe Selva, guardiã da floresta, expressa resistência e medo diante da possível destruição, enquanto outras figuras, o macaco e o Saci oscilam entre a dúvida e a aceitação. Ao final, a Cobra Grande emerge como profeta e mediadora, revelando que a estrada já está profetizada e que seu surgimento representa uma nova era de união entre os povos e de fim do isolamento da floresta.

O enredo termina com um tom de celebração e conciliação, em que a Transamazônica é reapresentada como instrumento de integração e redenção. A floresta e os seres mágicos, antes desconfiados, aceitam a estrada como promessa de um futuro melhor, rompendo com o isolamento e conectando a região amazônica ao restante do país.

Portanto, ao transformar mitos tradicionais em aliados do progresso, como faz Zuleika Mello, a peça contribui para a legitimação simbólica do projeto de integração nacional na década de 1970. No entanto, a obra *A Profecia da Cobra Grande ou A Transamazônica*, ao ser analisada – inserindo-a no âmbito dos estudos acerca das “narrativas da conquista” defendidas por Silva (2022, 2024a, 2024b) –, permite que se perceba essas contradições.

Assim, através da leitura analítica dessa obra, será feito a seguir uma discussão, buscando demonstrar a sua apropriação aos termos dessa “narrativa da conquista”, especialmente no segundo momento de produção literária sobre a Amazônia sistematizado por Silva (2022, 2024a, 2024b). Momento esse em que se visualiza uma inversão entre vencedor/vencido e onde o dito “civilizado” aparece integrado (e integrando) com os vários elementos da natureza/floresta que outrora eram obstáculos, conforme o pesquisador advoga em obras como *Tempo de Estrada – 20 Poemas da Transamazônica* e *Dois meninos na Transamazônica*.

4.1. A Profecia e a Conquista

O enredo da obra *A Profecia da Cobra Grande ou a Transamazônica*, de Zuleika Mello, inicia fazendo alusão a uma grande empreitada na Amazônia, marcada pela promessa de progresso e integração nacional. Ao se apropriar da simbologia da integração nacional, enquadrada em uma narrativa hegemônica de conquista da Amazônia, o enredo vai construindo um cenário utópico de vitória em relação à suposta separação histórica da Amazônia do restante do país.



Inicialmente, em seu prólogo, apresenta o personagem Cacique, que fala do seu convívio com a natureza/floresta, das histórias que aprendeu com os velhos Pajés e da sua participação nas guerras de várias tribos. O chefe indígena conta que um diálogo que tivera com seu pai, antes de morrer, mudou o seu entendimento. Seu pai lhe disse:

Meu filho, somos todos irmãos, dentro desta grande Mãe-Pátria que se chama Brasil e até hoje vivemos aqui, entre o rio Amazonas e seus fabulosos afluentes, separados de nossos irmãos do Norte, do Noroeste, do Centro e do Sul de nosso grande país (Mello, 1972, p. 1).

Se vê no trecho a introdução da idealização de que um futuro positivo para a região amazônica viria com a sua integração aos demais estados brasileiros. Isso é reforçado ainda no prólogo, quando Cacique consulta a personagem Cobra Grande, a sábia profetisa da mata, como se vê:

E assim que fui procurar a Cobra Grande, a sábia profetiza de nossa mata e ela me disse:
Esculta Cacique, esta selva vai virar um mundo novo. Os homens inteligentes viram que é impossível vivermos separados de nossos irmãos. É preciso formamos uma corrente “para frente” para nos transformamos em um dos maiores países do mundo. (Mello, 1972, p. 2).

Como se observa, a figura da Cobra Grande surge aqui como vidente e anunciante de um futuro inevitável: a chegada de um projeto monumental, a Transamazônica, que prometia romper o isolamento secular da região. Nessa leitura, se até a grande profetisa da Amazônia, estava junto com o projeto de conquista, ele só poderia representar coisas boas para os habitantes da natureza/floresta.

O uso da Cobra Grande como personagem central é emblemático: tradicionalmente símbolo da natureza floresta, de seus mistérios, de força e resistência, ela é reinterpretada como porta-voz do progresso. Sua fala atua como uma legitimação superior do projeto de integração, como se a Transamazônica fosse algo inevitável e desejado até pelos próprios habitantes da floresta.

Essa é a dinâmica seguida após o prólogo, durante o enredo, em que a história progressivamente constrói um sentimento de vitória na Amazônia. Nesse sentindo, um diálogo inicial importante é entre os personagens representativos dos operários da rodovia:



Mineiro – (*olhando ao redor*) Êta mundão de selva! Repara gente, onde é que nós viemos parar.

Baiano - É verdade, Mineiro. Fim de mundo! (*em tom de brincadeira*) Acho que foi aqui que o diabo perdeu as botas... (*ao Gaúcho*) Que diz desta lonjura, hein Gaúcho?

Gaúcho - Chê! Eu que deixei as minhas planícies lá no Rio Grande do Sul, aquele céu sempre azul, e os claros horizontes, tenho que por certo estranhar a escuridão desta selva.

Mineiro - Até parece que a gente tá perdido aqui... (Mello, 1972, p. 2).

Como visto, pode-se dizer, que esse diálogo simboliza a diversidade brasileira que se fazia presente na Amazônia, para a construção da grande estrada da conquista. Para reforçar o tom da grandeza do empreendimento, os personagens demonstram um sentimento surpresa diante do novo ambiente, um sentimento de desorientação e, ao mesmo tempo admiração pela tão vasta floresta.

Em contraposição e para a construção do cenário de conquista, o enredo traz os personagens da floresta, expressando uma preocupação preliminar sobre os seus destinos, diante do empreendimento que se tornava realidade na Amazônia. No trecho a seguir, fala a Mãe Selva:

Mãe Selva – Aí de mim... ai de mim... Eu que sou a maior floresta do mundo, começo agora ouvir rumores estranhos. Para onde irão os meus macacos que choram durante as tempestades? E os gritos de minhas araras ao raiar do sol? E os meus jacarés que deslizam pelas minhas lagoas, o meu boto que vem do mar, o meu rio mar? (Mello, 1972, p. 2).

O trecho revela um lamento profundo e simbólico da personagem diante da construção da rodovia – que, como será exposto, será alterado no final. Esse clima paulatinamente toma conta da trama, sobretudo com a aparição dos personagens da floresta, que passam a expressar dúvidas, incertezas, oscilações de humor, como um preparativo para o desfecho controverso. Veja-se a seguir:

Uirapuru – Quem é que está me chamando? Eu estava ocupado com a Zefinha... Parece que o Bentinho não quer resolver o casório... E eu tenho que dar um jeito...

Cabocla – Escuta Uirapuru, está acontecendo uma coisa horrível.

Caboclo – Vão acabar com a nossa mata! A gente vai ter que fugir....

Uirapuru – Eu não. Sou da Amazônia e vou ficar aqui toda a minha vida.

Cabocla – Vão jogar sua árvore no chão, Uirapuru (Mello, 1972, p. 4).



Como se vê, os questionamentos vão surgindo: o que será da floresta? O que está acontecendo? Por que estão derrubando nossas árvores? Para as respostas a essas perguntas, o enredo insere o personagem Tratorista. Esse passa a ter uma grande interação com os personagens da floresta, sendo o responsável por conduzir a narrativa rumo à retórica da conquista.

Tratorista – Calma, calma! Esperem. Deixem que eu explique. Eu não vim aqui pra brigar. Nos queremos é ajudar, juntando vocês da Amazônia com os nossos irmãos do resto Brasil.

Macaco – Pois sim! E você acha que a gente vai nessa conversa mole?

Tratorista – Esse presentinho é para você, amigo macaco.

É um delicioso doce feito de banana.

Macaco – Ê? Vocês têm fábrica de fazer doce de banana quadradinho assim?

Arara – E está aí é para mim?

Tratorista – Calma sua linguaruda. Tome este saquinho de pipocas...

Arara – Até que o senhor é gentil, mas eu gosto mesmo é de milho.

Macaco – O doce de banana está uma gostosura...

Arara – E as pipocas também, uma delícia! (Mello, 1972, p. 7).

Em meio às dúvidas sobre o empreendimento na Amazônia, o Tratorista – o principal responsável pela construção da estrada e, portanto, pela derrubada das árvores – tenta convencer os personagens da floresta de que a sua missão era benéfica, e que seus companheiros vieram de várias regiões para ajudar a integrar a Amazônia ao restante do Brasil. Para isso, inclusive, dá aos personagens da floresta os presentes que a integração poderia propiciar, simbolizados pelo doce de banana e o saquinho de pipocas.

Porém, até esse momento, as suas explicações e os seus presentes não são suficientes para convencer os personagens amazônicos de que estariam sendo beneficiados. Para o Macaco, o doce de banana é uma “gostosura”, mas isso não muda o fato de que ele desconfiava da intenção por trás da oferta. A Arara, por sua vez, gosta das pipocas, mas deixa claro que “gosta mesmo é de milho”, ou seja, preferia o que era tradicional e natural para ela.

Esse diálogo continua rumo ao convencimento de que o projeto seria melhor para todos da natureza/floresta. Agora um trecho em que o Saci também aparece desconfiado:

Saci – Ê? Pensa que eu não sei que andas derrubando nossas árvores? Toma cuidado, seu moço. A gente está quieto aqui e o senhor aparece pra tirar o nosso sossego?

Tratorista – Espera lá, Saci. Ninguém quer tirar o sossego de vocês...



Saci – Então porque é que está derrubando nossas árvores?
Tratorista – É para fazer uma estrada muita larga por onde possam passar caminhões, ônibus, carros, bicicletas e trazer gente, fazer progresso.
Saci – Olha moço, ninguém engana Saci. Eu sou vivo e estou em toda a parte... se pensa que eu vou acreditar nesta conversa sua, está enganado (Mello, 1972, p. 9).

Como se vê, o Tratorista segue apresentando aos personagens a sua visão e os seus argumentos sobre o que estava acontecendo na Amazônia. Apesar de ainda se alvo de dúvidas do personagem Saci – e de outros personagens da floresta –, o enredo já começa a demonstrar os primeiros sinais de reviravolta, acerca do entendimento geral dos personagens sobre a obra na Amazônia.

Macaco – Nós temos que ficar de olho neste homen...
Saci – Acho que ele está querendo nos enganar...
Macaco – Pois sim! O papai aqui é sabido e não cai na conversa dele...
Jacaré –Vamos tomar providências...
Arara – O que é que vocês pretendem fazer?
Macaco – Lutar!
Saci – Lutar pelos nossos direitos...
Arara – De que jeito?
Saci – Reunindo todos os seres da mata para expulsar este homem daqui...
Arara – Vocês não entendem de nada. Acho que este homem vai fazer bem a gente... (Mello, 1972, p. 11).

Nestas falas, pode-se observar que o Macaco, o Saci e a Arara discutem sobre a intenção do Tratorista. Porém, se o Macaco e o Saci continuam duvidando das suas boas intenções – inclusive, propondo lutar –, em contraponto, a Arara já traz uma posição otimista, acreditando na boa intenção do homem e naquilo que fala sobre a grande estrada da integração.

No trecho a seguir, o Tratorista, reúne os personagens da floresta e mostra a eles uma “projeção”, uma espécie de filme ou apresentação que funciona como uma espécie de “abrir os olhos” de forma definitiva, como se vê:

Saci – o que é isso?
Tratorista – É uma máquina muito legal. Ela vai mostrar pra vocês uma porção de coisa bonita... Fiquem sentados e prestem atenção.
(começa a projeção mostrando a selva amazônica toda fechada por grandes árvores)
Arara – Que bacana! Aqui é que a gente mora?
Tratorista – Exatamente. Aqui é que vocês moram, nesta selva imensa, toda fechada por estas árvores...Enquanto isto, não se pode fazer estradas e vocês vivem separados de seus irmãos do Centro do Noroeste, do Sul...



Enquanto eles progridem, vocês estão aqui sozinhos, perdidos, sem progresso, sem cultura, sem civilização...

Macaco – E daí?

Tratorista – Daí, as estradas vão ficar prontas.

Macaco – E daí?

Tratorista – Daí é que vocês vão ter caminhões, ônibus, carros que tragam seus irmãos pra lhes conhecer... e vocês também poderão viajar para ir conhecê-los... e a Amazônia será muito maior! (Mello, 1972, p. 12).

Conforme aponta esse trecho do enredo, o Tratorista, almeja comprovar o principal argumento para a integração: demonstrar aos personagens o “todo” da qual a Amazônia faz parte. Pode-se afirmar que, em certa medida, nesse ponto ocorre um movimento parecido com o analisado por Silva (2024a), em outra obra que traz a Transamazônica como tema, qual seja, *Dois Meninos na Transamazônica*.

Isso porque, igualmente a essa obra, após um clima de tensão entre os personagens, há a culminância com um final utópico. Mais do que isso, percebe-se que o clima conflituoso serve para ressaltar o clima de integração e de vitória na Amazônia na parte final, tal qual o segundo momento argumentado na seção anterior, em que se tem a superação do inferno verde amazônico na literatura.

Para sacramentar esse entendimento entre os personagens da floresta, aparece no enredo a sábia profetisa da floresta, da qual ninguém pode duvidar, a Cobra Grande, que fala diretamente com um dos personagens ainda descrentes nos argumentos do Tratorista. Veja-se um trecho:

Saci – Boa noite, Cobra Grande!

Cobra Grande – Boa noite, Saci! Sabe que sempre que te vejo me assusto? Até hoje não me acostumei com a tua figura!

Saci – É verdade, Cobra Grande?

Cobra Grande – É verdade. Você me faz medo...

Saci – Isto é bom. Ao menos ninguém tem coragem de entrar na selva. Eu falo destes homens que tem coragem de entrar na selva. Eu falo destes homens que vieram aqui pra derrubar nossas árvores e acabar com a nossa mata... a senhora não acha Cobra Grande?

Cobra Grande – Eles estão certos, Saci. É bom que não te metas para atrapalhar o serviço deles...

Saci – É pra defender a nossa selva que vamos lutar...

Cobra Grande – Vocês não sabem de nada. Andam os dois por aí fazendo a maior confusão, sem saber que eles vieram para nos fazer progredir... Toma cuidado, Saci, se eu souber que vocês estão promovendo desordem na mata, eu vou pedir a tupã que os expulsem daqui.

Saci – Não faz isso Cobra Grande. Eu gosto da minha selva. Só posso viver dentro dela...

Cobra Grande – Então fica quieto e não te metas em desordem e confusão. E quanto ao macaco, eu vou procurá-lo e dá o mesmo aviso (Mello, 1972, p. 22).



Assim, com a entrada em cena da grande profetisa, aquela capaz de direcionar os personagens da floresta rumo aos melhores destinos, concretiza-se a mudança de perspectiva. Ao seguir essa dinâmica, já com a Transamazônica como uma realidade, o enredo, sucessivamente, apresenta as falas de euforia com a grande estrada. Simbolizando a própria natureza/floresta amazônica, tem-se a fala da personagem Mãe Selva:

MÃE SELVA – Alegrem-se, ó lindos pássaros, alegrem-se meus peixes, minhas tartaruguinhas, meus bichos selvagens. Aos poucos estou sendo enlaçada por uma extensa fita de asfalto e as estradas nos levarão aos caminhos do progresso e da civilização. [...] Ó meu rio mar, tu continuarás sempre profundo, misterioso e soberano. E minha lua será sempre a mesma lua vestindo de prata as minhas noites amenas. Bem que Cobra Grande disse que os homens brancos iriam nos transformar numa grande potência ... (Mello, 1972, p. 27).

Como se vê, essa personagem que antes chorava angustiada, agora festeja a Transamazônica, reconhecendo que a sábia profetisa da Amazônia – a Cobra Grande – estava certa, quanto ao empreendimento dos homens. Por outro lado – contraditoriamente –, os homens aparecem aclamando a vitória sobre a natureza/floresta, como se vê:

Tratorista – tudo aqui era mata cerrada, por incrível que pareça...
Gaúcho – parece até um milagre. Você e o seu trator estão de parabéns.
Tratorista – Na verdade, não foi fácil não. A princípio, me parecia impossível acabar com esta floresta virgem e dominar este mundo fantástico e selvagem.
Gaúcho – Mas agora vemos que o dominamos e que finalmente estamos realizando a integração do Amazonas.
Tratoristas – vejam os aglomerados humanos que começam a aparecer a frente.
Gaúcho – É a maravilhosa colaboração dos brasileiros
Tratorista – E com que amor e entusiasmo eles se dedicaram... (Mello, 1972, p. 27-28).

Enfatizando a ideia de dominação, pode-se dizer, conforme Silva (2024a, 2024b), que há uma inferência a uma vitória decisiva do ser humano da Amazônia, abandonando o Souto de Rangel, derrotado pela natureza/floresta em o *Inferno Verde* no início do século XX. Mas do que isso, há uma harmonização dessa natureza/floresta com o ser humano, uma vez que os personagens amazônicos, antes receosos, comemoram também essa conquista da integração. Segundo o enredo, nesse novo tempo, todos fazem parte da conquista:

Jacaré – Eu não vou, porque não fui convidado...
Macaco – Que bobagem. Você tem que ir para festejar a integração.



Cabocla – Que negócio é esse de integração?
Arara – Eu explico para vocês. Integração é a união da gente com os irmãos do Sul, do Centro, do Norte, do Leste, do Noroeste. Entendeu?
Cabocla – Entendi. Agora a gente não vai mais ficar isolada e nem perdida na mata...
Macaco – Porque temos estradas...
Arara – E a Transamazônica ficou pronta!
Saci – Vamos festejar!
Macaco –Vivô!
Arara – Não é vivo. É viva!
Todos – Viva! Viva! Viva!
Saci – Viva o Brasil!
Todos –Viva!
Arara - Viva o presidente!
Todos - Viva... (Mello, 1972, p. 33)

Tem-se, portanto, a alegria coletiva entre personagens simbólicos da Amazônia, celebrando um acontecimento marcante: a inauguração da Transamazônica e a integração da região com o restante do Brasil. Retrata-se o entusiasmo e o sentimento de pertencimento que essa Transamazônica trouxe aos moradores da floresta, pois, “Tratorista – Que alegria... Gaúcho – Homens, animais, festejando o milagre da integração” (Mello, 1972, p. 34).

Assim, *A Profecia da Cobra Grande* apropria-se das simbologias da conquista, associando o enredo à narrativa maior, da incorporação amazônica aos restantes das regiões do Brasil. O progresso, a estrada e a floresta constroem juntos uma trama em que o território é não apenas conquistado fisicamente, mas também imaginado e narrado como conquista, reforçando uma visão histórica marcada pela vitória do ser humano sobre a natureza.

Cobra Grande – Ninguém me chamou, mas estou aqui...
Mãe Selva – Bem que falaste Cobra Grande. Em que falaste... Agora sou mesmo uma potência!
Mineiro – Uai gente! Que é que tá acontecendo?
Gaúcho – Pois tu não sabes Mineiro? Todos estão festejando a integração...
[...]
Tratorista – Amigos, somos agora um todo geográfico dominado por uma nação unida.
[...]
Cobra Grande – E assim Mãe Selva sustentará pelos tempos sem fim, a vida dos homens que vivem neste planeta.
Todos – Cobra Grande falou e tá falado!
Macaco –Vamos cantar, minha gente?
Todos – Vamos festejar a Transamazônica!
Vamos amigos, vamos
Pela estrada a passear
Vamos ver o novo sol



Que acaba de brilhar...
Vamos ver o novo sol
Que acaba de brilhar (Mello, 1972, p. 36).

Por fim, no desfecho, a narrativa não apenas relata a construção da Transamazônica, mas a eleva a símbolo máximo da inclusão e integração da Amazônia no “corpo” do Brasil. A resistência simbólica é transformada em concordância profética. Zuleika Mello reconfigura mitos tradicionais da cultura amazônica para apresentar a chegada da estrada como algo positivo, a Cobra Grande se torna uma mensageira da estrada, anunciando a chegada do desenvolvimento.

Além disso, personagens da natureza/floresta também aparecem de maneira positiva em relação à estrada, o que mostra uma mudança na forma como o imaginário amazônico é usado. Portanto, ao transformar a narrativa mítica em instrumento de legitimação, a escritora insere sua peça no interior do que Silva (2022, 2024a, 2024b) denomina: narrativa da conquista da Amazônia – especificamente, o segundo momento dessa representação. A floresta deixa de ser apenas lugar de encantamento ou resistência e passa a ser um corpo a ser “civilizado”, ocupado e conduzido pela lógica nacionalista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a obra *A Profecia da Cobra Grande ou A Transamazônica*, escrita por Zuleika Mello, a partir da proposta teórica discutida por Silva: “narrativas da conquista da Amazônia”. A partir dessa análise, foi possível observar ressignificação elementos da cultura popular e do imaginário amazônico para reforçar o discurso de integração nacional.

No enredo, personagens como o Saci, o Curupira, a Mãe Selva e, principalmente, a Cobra Grande representa uma natureza/floresta que, ao invés de resistir, aceita e até celebra a chegada da Transamazônica. A estrada, nesse caso, não aparece como imposição violenta do Estado, mas como cumprimento de uma profecia – um destino inevitável e benéfico para todos. Esse enredo mostra como os mitos e símbolos da floresta são reinterpretados para servir ao ideal desenvolvimentista da ditadura civil-militar, contribuindo para naturalizar a presença do Estado no território.



Ao alinhar-se ao discurso de “progresso”, a obra de Zuleika Mello transforma a narrativa mítica em narrativa de dominação. A floresta, antes lugar de força e autonomia, passa a ser um espaço que aguarda sua redenção pela estrada e pela presença do “Brasil oficial”. Nessa transformação simbólica, constatou-se a apropriação narrativa ao segundo momento da representação literária da conquista da Amazônia, nos termos de Silva (2022, 2024a, 2024b).

Conclui-se, portanto, que a obra analisada tem muito do contexto histórico em que foi produzida, sendo um exemplo de como a arte pode participar da construção de certos projetos de nação. Ao revelar essas camadas simbólicas, este estudo contribui para uma leitura crítica da literatura produzida na Amazônia e reforça a importância de se refletir sobre os sentidos e os silêncios presentes nas representações da natureza/floresta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidente (1956-1961). **Discursos selecionados do Presidente Juscelino Kubitschek**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. 68p.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. TIEDEMANN, Rolf (ed. alemã); BOLLE, Willi; MATOS, Olgária Chaim Feres (org. brasileira). Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG/Imprensa oficial de São Paulo, 2009.

CASTRO, José Maria Ferreira de. **A Selva**. Ilustrações de Portinari. Lisboa: Guimarães Editores. Edição Comemorativa do XXV Aniversário de Publicação de “A Selva”. 1930 – 1955. (1955).

CONINGHAM NETTO, John. **A PONTE SOBRE O TUERÊ** – Drama na Abertura da Transamazônica. Ed. Komedi, Campinas-SP, 2000.

CUNHA, Euclides. **À margem da História**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

DUTRA, José Soares. Transamazônica. In: SERVIÇO de Documentação do Ministério dos Transportes (Org.). **Tempo de Estrada** – 20 poemas da Transamazônica. Rio de Janeiro: SDMT (em coedição com o Instituto Nacional do Livro e Grupo Planejamento Gráfico, editores), 1972, p. 131-139.

FERREIRA, Barros. **O Romance da Madeira-Mamoré**. São Paulo, Clube do livro LTDA, 1963.

FERREIRA, Maria Liege Freitas. **A construção do Eldorado Amazônico no governo Vargas**: a representação através da imagem (1940-1945). 2011. 230 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.



FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**: história de uma estrada de ferro na Amazônia. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

FLORES, Aluizio. Belém-Brasília: Manchete assiste à conquista da Amazônia. **Manchete**. Rio de Janeiro: Bloch, n. 354, 31 de janeiro de 1959, p. 83-126. Acervo pessoal.

GALVÃO, Francisco. **Terra de Ninguém**. 2ª. Ed. Revista. Manaus: Editora Valer, 2002.

JÚNIOR, Peregrino. **A Mata Submersa e Outras Histórias da Amazônia**. Rio de Janeiro - Coleção Prestígio, Ediouro, 1989.

KUBITSCHKE, Jucelino. No Clube Ideal, sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia – Manaus, 18 de abril de 1956, p. 11. In: BRASIL. Presidente (1956-1961). **Discursos selecionados do Presidente Juscelino Kubitschke**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. 68p.

LADISLAU, Alfredo. **Terra imatura**. Manaus, AM: Valer, 2008.

MACHADO, Luiz Toledo. A teoria do grande espaço nacional - VI. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de dezembro de 1970, p. 4. Acervo Folha.

O NORTE amazônico: aqui vencemos a floresta. **Manchete** – Edição especial 1970, Rio de Janeiro: Bloch, outubro de 1970, p. 58-76. Acervo pessoal.

OTTONI, Margarida. **Dois Meninos na Transamazônica**. Ilustrações de Eliardo França. Rio de Janeiro, Conquista, Brasília, INL, 1973.

PRETA, Cyro Armando Catta. “Clareira da Pátria Inteira (Transamazônica)”. In: SERVIÇO de Documentação do Ministério dos Transportes (Org.). **Tempo de Estrada** – 20 poemas da Transamazônica. Rio de Janeiro: SDMT (em coedição com o Instituto Nacional do Livro e Grupo Planejamento Gráfico, editores), 1972, pp. 63-71.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. Organização: Tenório Telles. 6 ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

SILVA, José Valtemir Ferreira da. Literatura e a construção da rodovia Transamazônica (BR - 230): a euforia com a estrada na obra de Consuelo Belloni. **CADERNOS DO CEOM**, v. 34, p. 113-122, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22562/2021.55.08>. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/6390>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SILVA, José Valtemir Ferreira. Transamazônica e a Grande Batalha: Tempo de Estrada e a Vitória sobre o Inferno Verde. **Nau Literária**, v. 18, p. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.127433>. Disponível em:



<https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/127433>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SILVA, José Valtemir Ferreira. Uma produção literária sobre a transamazônica: apontamentos preliminares. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 19, n. 33, 2023. DOI: 10.48075/rlhm.v19i33.29676. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/29676>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SILVA, José Valtemir Ferreira. Literatura e a conquista da Amazônia: Dois meninos na Transamazônica e a rodovia da integração. **Revista todas as letras** (MACKENZIE. Online), v. 26, p. 1-16, 2024a. DOI: <https://orcid.org/0000-0003-2351-6037>. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/16010>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SILVA, José Valtemir Ferreira. Narrativas da conquista da Amazônia: transamazônica e o advento do conquistador não sustentável. **Revista Diálogos**, v. 12, n. 3., 2024b. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/19527/14624>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SILVA, José Valtemir Ferreira. Narrativas da conquista da Amazônia: Transa-amazônica e a entrada no vale da promessa. **EntreLetras**, 16(1), 569–588. <https://doi.org/10.70860/ufnt.entreletras.e16846>. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/16846/22686>. Acesso em: 17 mar. 2026.

VARGAS, Getúlio. Discurso do rio Amazonas. **Revista Brasileira de Geografia**. Abril-Junho de 1942. v. 4, n. 2. p. 259-262. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7115>.